

A close-up portrait of an elderly indigenous man, likely from the Mursi or Suri tribes, wearing a traditional headdress with colorful feathers and a woven headband. He has a weathered face with wrinkles and a mustache, looking slightly to the right. He is wearing a leopard-print garment and a necklace of white beads. The background features a repeating geometric pattern of diamonds.

**MATERIAL DE  
APOIO DOCENTE**

# **OS POVOS INDÍGENAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

**Vivian Cristina Balan Fiuza  
Germana Ponce de Leon Ramirez**



## Centro Universitário Adventista de São Paulo

Fundado em 1915 — [www.unasp.edu.br](http://www.unasp.edu.br)

- Missão** Educar no contexto dos valores bíblicos para um viver pleno e para a excelência no serviço a Deus e à humanidade.
- Visão** Ser uma instituição educacional reconhecida pela excelência nos serviços prestados, pelos seus elevados padrões éticos e pela qualidade pessoal e profissional de seus egressos.

### Administração da Entidade Mantenedora (IAE)

**Diretor Presidente:** Maurício Lima  
**Diretor Administrativo:** Edson Medeiros  
**Diretor Secretário:** Emmanuel Oliveira Guimarães  
**Diretor Depto. de Educação:** Ivan Góes

### Administração Geral do Unasp

**Reitor:** Martin Kuhn  
**Vice-Reitor Executivo Campus EC:** Antônio Marcos da Silva Alves  
**Vice-Reitor Executivo Campus HT:** Afonso Ligório Cardoso  
**Vice-Reitor Executivo Campus SP:** Douglas Jeferson Menslin  
**Pró-Reitor Administrativo:** Telson Bombassaro Vargas  
**Pró-Reitor Acadêmico:** Afonso Ligório Cardoso  
**Pró-Reitor de Educação a Distância:** José Prudencio Júnior  
**Pró-Reitor de Pesquisa e Desenvolvimento Institucional:** Allan Macedo de Novaes  
**Pró-Reitor de Desenvolvimento Espiritual, Comunitário e Estudantil:** Martin Kuhn  
**Secretário-Geral:** Marcelo Franca Alves

### Faculdade Adventista de Teologia

**Diretor:** Reinaldo Wenceslau Siqueira  
**Coordenador de Pós-Graduação:** Vanderlei Dorneles da Silva  
**Coordenador de Graduação:** Adriani Milli Rodrigues

### Órgãos Executivos Campus Engenheiro Coelho

**Pró-Reitor Administrativo Associado:** Murilo Marques Bezerra  
**Pró-Reitor Acadêmico Associado:** Everson Muckenberger  
**Pró-Reitor de Desenvolvimento Estudantil Associado:** Bruno de Moura Fortes  
**Pró-Reitor de Desenvolvimento Espiritual e Comunitário Associado:** Ebenézer do Vale Oliveira

### Órgãos Executivos Campus Hortolândia

**Pró-Reitor Administrativo Associado:** Claudio Valdir Knoener  
**Pró-Reitora Acadêmica Associada:** Suzete Araújo Águas Maia  
**Pró-Reitor de Desenvolvimento Estudantil Associado:** Daniel Fioramonte Costa  
**Pró-Reitor de Desenvolvimento Espiritual e Comunitário Associado:** Wanderson Paiva

### Órgãos Executivos Campus São Paulo

**Pró-Reitor Administrativo Associado:** Flavio Knöner  
**Pró-Reitora Acadêmica Associada:** Sílvia Cristina de Oliveira Quadros  
**Pró-Reitor de Desenvolvimento Estudantil Associado:** Ricardo Bertazzo  
**Pró-Reitor de Desenvolvimento Espiritual e Comunitário Associado:** Robson Aleixo de Souza

**UNASPRESS**

Imprensa Universitária Adventista

<b>Editor-chefe</b>	Rodrigo Follis
<b>Gerente de projetos</b>	Bruno Sales Ferreira
<b>Editor associado</b>	Alysson Huf
<b>Supervisor administrativo</b>	Felipe Dutra
<b>Gerente de vendas</b>	Francieleide Santos
<b>Editores</b>	Adriane Ferrari, Gabriel Pilon Galvani, Jônathas Sant'Ana e Werter Gouveia
<b>Designer gráfico</b>	Kenny Zukowski

### Título:

Os povos indígenas no contexto escolar

### Autores

Germana Ponde de Leon  
Vivian Cristina Balan Fiuza

### Grupo de Pesquisa em Educação e Diversidade Étnica (GPEDE)

### Corpo Editorial

- Prof.<sup>a</sup> Dra. Aída Figueiredo  
Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF), Universidade de Aveiro, Portugal
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Gimenes Corrêa Calil  
Programa de Mestrado Profissional da Universidade de Taubaté (Unitau), São Paulo, Brasil
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Silvia Moço Aparício  
Programa de Mestrado Profissional da Universidade Municipal de São Caetano (USCS), São Paulo, Brasil
- Prof. Dr. Andrew Sixsmith  
Departamento de Matemática e Ciências Tecnológicas Simon Fraser University, Canadá
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Angela Harumi Tamaru  
Escola Politécnica, Faculdade de Americana (FAM), São Paulo, Brasil
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Ellen Nogueira  
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho (Unasp-EC), São Paulo, Brasil
- Prof. Dr. Frank Viana Carvalho  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), São Paulo, Brasil
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Gisela Biaggi  
Universidad Adventista de Chile, Chillán, Chile
- Prof. Dr. João Batista Ribeiro Santos  
Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), Brasil
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Regina Onofre  
Departamento de Metodologia de Ensino (DME) Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), São Paulo, Brasil
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Teresa Ribeiro  
Universidade de Taubaté (Unitau), São Paulo, Brasil
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Marlene da Rocha Migueis  
Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF), Universidade de Aveiro, Portugal
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Marta Regina Paulo  
Mestrado Profissional em Educação, Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), São Paulo, Brasil
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Martha Maria Prata Linhares  
Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Minas Gerais, Brasil
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Michelle Vanchu-Orosco  
Programa de Pós-graduação em Educação, Simon Fraser University, Canadá
- Prof. Dr. Nelson Antônio Simão Gimenes  
Fundação Carlos Chagas, Mestrado Profissional Formação de Professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil
- Prof. Dr. Nonato Assis de Miranda  
Mestrado Profissional em Educação, Universidade Municipal de São Caetano (USCS), São Paulo, Brasil
- Prof. Dr. Orlando, de Andrade Kelm  
McCombs School of Business da Universidade do Texas, Austin, Estados Unidos da América
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Paula Coelho Santos  
Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF), Universidade de Aveiro, Portugal
- Prof. Dr. Paulo Gomes Lima  
Departamento de Educação e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), Campus Sorocaba, São Paulo, Brasil
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Tânia Regina da Rocha Unglaub  
Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Gestão da Informação (PPGInfo/Faed/Udesc), Universidade do Estado de Santa Catarina (UFSC), Santa Brasil
- Prof.<sup>a</sup> Dra. Tatiana de Cássia Nakano  
Centro de Ciências da Vida (CCV-PUC) Campinas, Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, Brasil

### Conselho artístico e editorial da Unaspress

Dr. Martin Kuhn	Dr. Lélío Lellis	Dra. Gildene Silva
Esp. Telson Vargas	Dr. Allan Novaes	Me. Edilson Valiante
Me. Antônio Marcos	Me. Jael Enéas	Me. Diogo Cavalcanti
Dr. Afonso Ligório	Esp. José Júnior	Dr. Adolfo Suárez
Dr. Douglas Menslin	Dr. Reinaldo Siqueira	
Dr. Rodrigo Follis	Dr. Fabio Alfieri	

### Pareceristas *ad hoc* para a presente obra

- Dra. Maristela Ferrari *Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)*  
Dra. Adriana Reis *Faculdades Integradas Campos Salles*  
Dra. Marta Silva *Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)*  
Dr. Fabio Darius *Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)*  
Dra. Gildene Silva *Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)*

**UNASPRESS**

Imprensa Universitária Adventista

Caixa Postal 88 – Reitoria Unasp  
Engenheiro Coelho, SP CEP 13.448-900  
Tels.: (19) 3858-5222 / (19) 3858-5221  
www.unasp.com.br

### **Autoras**

Vivian Cristina Balan Fiuza  
Germana Ponce de Leon Ramírez

### **Revisão**

Cecília Ortolan

### **Projeto Gráfico**

Anderson Mendes

### **Foto de capa**

Gentileza Aldeia Rio Verde  
João Arrezomae (*in memoriam*)

### **Colaboradores**

Adelino Marcelo Zokezokenazokae  
Carmen Souza  
Erika Bienemann  
Doris Lima  
Fernanda Seidel  
Líderes, educadores e moradores da Aldeia Rio Verde,  
Cabeceira do Sacre e Estivadinho  
Nádia Teixeira da Silveira  
Ubirajara de Farias Prestes Filho

### **Sobre as autoras**

#### **Vivian Cristina Balan Fiuza**

Mestre em Educação pelo Unasp - EC; especialista em Psicopedagogia e Gestão Escolar pelo ICE – MT; especialista em Metodologia do Ensino Superior pela FAP – RO; especialista em Estudos Teológicos Adventistas pelo Unasp - EC.

#### **Germana Ponce de Leon Ramírez**

Doutora em geografia humana pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora permanente do Programa de Mestrado Profissional em Educação do Unasp-EC.



## Sumário

Apresentação .....	6
Conhecendo o material.....	7
Início de conversa .....	9
Os povos indígenas pedem passagem.....	12
Povo <i>Haliti Paresi</i> – um exemplo da diversidade cultural indígena no Brasil.....	14
Reflexão final.....	41
Momento de agradecer .....	42
Referências .....	43
Índice Remissivo.....	44

## Apresentação

**E**stimado Educador(a),

A partir da implantação da Lei 11.645/2008, que altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, torna-se obrigatório o estudo da temática indígena no currículo da educação básica. Essa medida tem por objetivo resgatar as contribuições dos povos indígenas nas áreas social, econômica e política ao longo da história brasileira e, conseqüentemente, incentivar a construção de políticas e ações educativas de combate ao racismo e à discriminação em relação a esses povos. Assim, como educadores brasileiros, promoveremos o reconhecimento e a valorização das identidades culturais indígenas sob uma perspectiva não etnocêntrica e contribuiremos para a formação de sujeitos comprometidos com as transformações sociais, que exercem a criticidade e constroem os conhecimentos para além da reprodução de uma sociedade que, na maioria das vezes, oprime a cidadania plena dos povos indígenas.

Portanto, este material foi elaborado como parte da pesquisa realizada junto ao Grupo de Pesquisa em Educação e Diversidade Étnica (GPEDE) e ao Programa de Mestrado Profissional em Educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus Engenheiro Coelho, com o objetivo de contribuir para que sua prática docente favoreça a reflexão a respeito dos povos indígenas brasileiros, evitando a divulgação de conceitos generalizados que desconsideram a existência de cerca de 305 (trezentos e cinco) povos em nosso país, cada um com suas particularidades culturais. Além disso, são apresentadas informações e sugestões didáticas sobre a temática em questão (especialmente para o público docente de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental). Como incentivo a essas novas reflexões, de modo que a análise se torne ainda mais concreta, propomos o (re)conhecimento de uma das maiores etnias indígenas existentes no Brasil: o povo indígena *Haliti Paresi*, presente no estado brasileiro do Mato Grosso.

Desejamos que este material seja útil no desenvolvimento de suas atividades.

As autoras

# CONHECENDO O MATERIAL

**E**ste material foi dividido em tópicos específicos que favorecem o desenvolvimento de uma visão crítica acerca do tratamento da questão indígena no contexto escolar.

No tópico **“Início de conversa”**, propomos uma reflexão sobre os conhecimentos construídos ao longo do tempo a respeito dos povos indígenas e a importância de apresentá-los como protagonistas de uma história muitas vezes contada somente de um ponto de vista etnocêntrico.

Mais adiante, no tópico **“Os povos indígenas pedem passagem”**, abordamos a diversidade de etnias indígenas existentes no território brasileiro, mostrando a importância de reconhecer essa diversidade e, de tratar os povos de forma peculiar, respeitando-os nas suas diferenças.

No tópico **“Povo Haliti Paresi – um exemplo da diversidade cultural indígena no Brasil”**, apresentamos uma das maiores etnias existentes no território brasileiro como forma de exemplificar a diversidade indígena, expondo suas peculiaridades tradicionais e indicando como valorizá-las.

Ao longo de todo o material apresentamos sugestões didáticas que orientam, complementam e estimulam a reflexão crítica de docentes e estudantes sobre o contexto indígena.

Para auxiliar o trabalho a ser realizado em sala de aula, você encontrará as seções a seguir, que o ajudarão na realização das atividades:

## CONECTADO

Traz dicas de links e sites para pesquisas discentes, bem como dicas para o aprofundamento docente sobre a temática abordada.

## Dica de leitura

Apresenta indicações de livros, documentos e leituras importantes para o aprofundamento da temática indígena no contexto escolar. É importante conhecer os materiais com antecedência para verificar a proposta e a possibilidade de uso.

## EM DEBATE

Sugere perguntas para serem debatidas com os alunos sobre o tema abordado. Em alguns momentos requer pesquisa para buscar respostas aos questionamentos.

### **Investigue**

Propõe dicas e orientações para uma pesquisa mais aprofundada sobre a temática.

## NA PRÁTICA

Apresenta sugestões de atividades práticas a serem realizadas com os alunos sobre os tópicos abordados ao longo do material.



### **Para pensar!**

Provoca reflexões sobre as questões étnico-raciais por meio de perguntas, pequenos textos, tirinhas etc. É possível aproveitar o momento para o diálogo e a expressão de ideias e pensamentos.

## Saiba mais

Apresenta curiosidades sobre o tema trabalhado.

## Você é o artista!

Propõe atividades lúdicas de produção e construção que motivarão o aluno a desenvolver sua autonomia e criatividade.

## Você é o autor!

Propõe a escrita de textos individuais ou coletivos sobre os assuntos abordados.

Todas as possibilidades de atividades apresentadas são sugestões que poderão ser adaptadas ou ampliadas a qualquer momento de modo a atender sua realidade escolar.

## TUDO DIA É DIA DE ÍNDIO

1, 2, 8, 9, 19, 21, 27 de abril... o que se comemora nesses dias? Talvez saibamos de cor e salteado o que se comemora em algumas datas, mas em relação a outras nem tanto. A questão é: que tipos de valores são transmitidos ao trabalharmos as datas comemorativas? Será que a lembrança de uma data é relevante para que se dê visibilidade ao fato que ela representa?

No caso específico do dia 19 de abril, essa data é bastante divulgada e conhecida. Sabe-se que nesse dia comemora-se dia do índio, certo?

Mas como acontece a comemoração dessa data em sua escola? Vestindo as crianças com cocar, enfeitando-as com penas e pintando seus rostos? Presta-se nesse dia uma simples homenagem os povos originários? Repetem-se palavras como índio, oca, tribo, selvagem, pureza e exótico? Ou emite-se o bu-bu-bu com a mão na boca?

O mês de abril oferece muitas possibilidades para uma reflexão sobre o assunto, e a questão não se restringe às comemorações relativas ao dia do índio que ocorrem nesse período, que realmente não precisa de um dia, mas está relacionada ao fato de que ao se comemorar essa data é preciso oportunizar aos alunos a ampliação de seu universo cultural, de forma que conheçam a diversidade dos povos indígenas brasileiros existentes, assim como suas histórias e lutas. É preciso rever o conceito de índio e a forma de lidar com esses temas passando a tratá-lo com a dignidade que ele merece.

Nesse contexto, a escola entra como um espaço que desempenha um papel mediador e

que tem a função de ajudar as crianças a superar certos estigmas instalados há tantos anos. Educar é construir. Assim, é preciso acabar com as práticas descontextualizadas, que instalam preconceitos e ridicularizam esses povos, e promover seu reconhecimento e valorização. É preciso reconhecer a imensa diversidade indígena, hoje com mais de 305 povos diferentes encontrados em todos os estados brasileiros, que falam mais de 180 línguas diferentes (Funai – Fundação Nacional do Índio). É preciso respeitar as culturas e os povos indígenas que escolheram viver com poucos aparatos tecnológicos, pois entendem que isso lhes é suficiente, bem como compreender que algumas etnias escolheram fazer uso da tecnologia no seu cotidiano. É preciso perceber que os povos indígenas também mudaram ao longo dos anos e que as culturas humanas são dinâmicas, bem como o comportamento humano é dinâmico. Como diz Lévi-Strauss (2012, p. 35), “afinal de contas nós não somos formigas e sim humanos, por isso, nosso comportamento se modifica, se hibridiza a outras culturas agregando elementos culturais distintos e mesmo assim pode-se manter a identidade cultural”.

Assim, não faz sentido um único dia para se refletir sobre todas essas questões. É necessário um trabalho que permeie todo o planejamento escolar de modo a romper antigos paradigmas sociais. Nesse intuito, reforçamos o propósito de que este material e suas sugestões contribuam para abrir novos caminhos e ampliem seu repertório de ferramentas para a ação pedagógica.



## INÍCIO DE CONVERSA

A reflexão sobre os direitos indígenas no Brasil tem se tornado cada dia mais necessária no Brasil, tanto no meio educacional quanto no meio social pois, a questão indígena vem sendo tratada muitas vezes de forma equivocada e estereotipada, em contraposição com a maior parte da produção de conhecimento da etnologia contemporânea (GOBBI, 2007). Os povos indígenas ainda são lembrados como personagens de uma história passada, sem que se tenha um compromisso com a realidade e a diversidade de suas etnias e culturas. De acordo com o antropólogo Carlos Alberto Ricardo (1991, p. 29-31), o Brasil

desconhece e ignora a imensa sociodiversidade nativa contemporânea dos povos indígenas estando tal conhecimento – ou (re)conhecimento – restrito aos círculos acadêmicos especializados, o que representa uma barreira àqueles que desejam obter informações precisas a respeito das populações indígenas presentes no Brasil. Isso, sem falar nas notícias veiculadas pela mídia, repletas de fatos fragmentados, histórias superficiais e imagens genéricas, enormemente empobrecedoras da realidade. O público leigo interessado em conhecer mais a respeito dos índios está diante de um abismo cultural e terá que se contentar com uma bibliografia didática rala, quando não preconceituosa ou desinformada.

Assim, quando se fala nos povos indígenas, percebe-se a necessidade de resgatar a importância de sua participação no processo de construção da identidade cultural brasileira até mesmo como um mecanismo de combate ao preconceito e à discriminação étnico-racial e à invisibilidade a que têm sido submetidos esses povos (BERGAMASHI; GOMES, 2012; NEVES, 2013; PENHA, 2012; SILVA, 2007).

Para melhor compreensão dos processos históricos é de suma importância perceber os índios como protagonistas da história do Brasil colonial e nacional, contribuindo, assim, para a desconstrução de ideias

preconceituosas a respeito dos povos indígenas. É, portanto, desafiador e necessário pensar no contexto de um passado que é tão presente no nosso cotidiano. Vale ressaltar que a “colonização não termina com a simples proclamação de independência por elites vivendo nas colônias, já que os colonizados continuam sofrendo dominação política de tais elites” (URT, 2015, p.19).

Quando os povos indígenas forem de fato considerados sujeitos protagonistas da História, e os múltiplos processos de interação de suas sociedades com as populações que surgiram com a colonização europeia forem recuperados, poderá haver uma mudança de paradigmas em nossa visão histórica. É importante considerar quantas gerações foram educadas com ideias negativas e preconceituosas em relação aos povos indígenas, povos que reivindicam terras, liberdade de expressão de suas culturas e direitos que lhes foram garantidos pela Constituição Federal de 1988. Uma nova percepção a respeito do indígena possibilitaria a reescrita da história do Brasil incorporando as histórias dos povos indígenas do ponto de vista dos próprios protagonistas da História, considerando toda a diversidade por eles relatada (ALMEIDA, 2017; RAMÍREZ, 2017).

A visão dos povos indígenas, muitas vezes considerados preguiçosos e improdutivos, ou somente valiosos protetores das florestas e dos rios, precisa ser problematizada de modo que esses estereótipos negativos sejam desmistificados. É necessário que se permita que eles continuem se fazendo ouvir, que tenham espaço para um protagonismo visível, que as leis sejam colocadas em prática e que seus direitos sejam legitimados para que seja garantida a viabilidade de seus projetos futuros.

Mediante a perspectiva das relações étnico-raciais, a escola entra nesse cenário como um espaço intercultural, pois nela, “circulam diferentes saberes, sendo que alguns deles adquirem maior visibilidade [...], em relações de força nas quais se produzem ma-

neiras de narrar e atribuir significados” (BONIN, 2007, p.1). Ou seja, nesse processo de interculturalidade é importante lutar “contra todas as formas de discriminação e desigualdade social e tentar promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes” (CANDAUI, 2002, p. 40).

Ainda no cenário escolar, o professor tem um papel fundamental na proposição de ações que despertem esses múltiplos saberes e culturas. Essas ações sugerem uma postura reflexiva, formativa, constante e coesa, capaz de implementar ou redimensionar o trabalho realizado frente ao seu papel formador e mediador do conhecimento. É função do educador buscar constantemente o conhecimento e a autoformação, pensando na profissão como possibilidade de transformação social e política. Nesse sentido, Freire (1996, p. 64) sugere que a “consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca”.

Esperamos que este material contribua para que educadores e estudantes não indígenas reflitam so-

bre as desigualdades sociais e raciais relacionadas aos povos indígenas, pois entende-se que a escola, além de compor um espaço social em que se evidenciam valores como solidariedade e respeito ao próximo, também é responsável por combater ações preconceituosas e a divulgação de estereótipos negativos. Nesse contexto, o ambiente escolar é um local onde os conflitos e contradições convivem lado a lado, e a discriminação percebida na sociedade como um todo também se manifesta nas relações entre os agentes educacionais – alunos e professores – (GOMES, 2007).

Assim, é necessário ressignificar valores e princípios educacionais, pois a questão indígena não constitui um novo conteúdo a ser estudado. O que se faz necessário é que se instituem novas posturas de todos os envolvidos no processo educacional a fim de que se possibilitem novas interpretações da realidade. Para isso, ao longo de todo o material são feitas sugestões didáticas voltadas para a reflexão docente e discente (especialmente para o público de 1ª ao 5º ano do Ensino Fundamental) como forma de dinamizar as ações pedagógicas sobre a temática indígena no contexto escolar.

## Para pensar!



Fonte: Armandinho, de Alexandre Beck

## NA PRÁTICA

Na tirinha acima, Armandinho dialoga com o pai sobre o significado da palavra “empatia”, que também pode ser compreendida como a capacidade de experimentar sentir de forma objetiva e racional o que sente outro indivíduo.

Por meio da fala de Armandinho é bem fácil perceber que será impossível alcançar o objetivo

proposto se as emoções dos alunos não forem trabalhadas de modo que sua mente e seu coração estejam “abertos” para perceber e sentir o outro; no caso, o indígena. Trabalhe com seus alunos o significado da palavra empatia e como ela pode ser vivenciada quando se trata da questão indígena no espaço escolar.

## Saiba mais

Documentos importantes que embasam a importância do estudo da temática indígena no contexto escolar.

- **Constituição Federal Brasileira (1988)** – garante aos povos indígenas o direito de manter suas peculiaridades culturais e institui, como dever do Estado, a tarefa de protegê-los, bem como assegurar-lhes o convívio construtivo entre segmentos diferenciados da população brasileira, visto como um processo marcado pelo conhecimento mútuo, pela aceitação das diferenças e pelo diálogo, permitindo uma interlocução concernente a seus direitos e deveres.
- **Lei de Diretrizes e Bases (1996)** – aborda o direito dos povos indígenas à educação diferenciada, pautada pelo uso de sua própria língua, pela valorização dos seus conhecimentos e saberes milenares e pela formação dos próprios índios para o exercício da profissão docente em suas comunidades.
- **Lei 11.645/2008** – altera a Lei nº 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação

nacional e inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”. No que diz respeito à cultura indígena, proposta pela lei, busca-se incluir no conteúdo programático os diversos aspectos da cultura, história e lutas dos povos indígenas que caracterizam a formação da população brasileira, resgatando suas contribuições nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil.

- **Plano Nacional de Educação (2014)** – estabelece metas estruturantes para a garantia do direito à educação básica com qualidade. Diz respeito ao acesso, à universalização da alfabetização e à ampliação da escolaridade e das oportunidades educacionais, estendendo esses direitos às comunidades indígenas.
- **Base Nacional Comum Curricular (2017)** – reconhece a acentuada diversidade cultural existente no Brasil, propondo que as instituições escolares criem currículos que considerem as questões étnico-raciais com foco na igualdade e na equidade, tendo o compromisso de reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza os grupos indígenas.

## CONECTADO

### Sites de apoio para o estudo da temática indígena!

- **Fundação Nacional do Índio (Funai):** órgão do governo brasileiro que estabelece e executa a política indigenista no Brasil. Disponível em: <<https://bit.ly/2y07myd>>. Acesso em: 09 abr. 2020.
- **Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal (PPTAL):** vinculado à Coordenação Geral de Projetos Especiais da Funai, tem como objetivo melhorar a qualidade de vida das populações indígenas, promovendo a conservação dos recursos naturais por meio da demarcação participativa das terras indígenas da Amazônia Legal. Disponível em: <<https://bit.ly/3edKewD>>. Acesso em: 09 abr. 2020.
- **Projeto Trilhas de Conhecimento:** teve início em fevereiro de 2004, por meio de uma doação da Fundação Ford, mediante a *Pathways to Higher Education Initiative*. O trabalho visa dar suporte ao etno-desenvolvimento dos povos indígenas no Brasil, por meio de sua formação no Ensino Superior. Para tal, o Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (Laced) investiu em apoiar/financiar núcleos universitários que promoves-

sem iniciativas voltadas para a Educação Superior dos indígenas. Disponível em: <<https://bit.ly/2Rtshka>>. Acesso em: 09 abr. 2020.

- **Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas (PDPI):** programa do governo brasileiro que tem por objetivo melhorar a qualidade de vida dos povos indígenas da Amazônia Legal brasileira, fortalecendo sua sustentabilidade econômica, social e cultural, em consonância com a conservação dos recursos naturais desse território. Disponível em: <<https://bit.ly/2VoXRkm>>. Acesso em: 09 abr. 2020.
- **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad):** criada em 2004, essa secretaria do MEC ocupa-se das seguintes temáticas: educação de jovens e adultos, educação do campo, educação ambiental, educação em direitos humanos, educação escolar indígena e diversidade étnico-racial. Disponível em: <<https://bit.ly/2wtgD1i>>. Acesso em: 09 abr. 2020.
- **Série documental Índios no Brasil:** produzida pela TV Escola. Disponível em: <<https://bit.ly/34pihOd>>. Acesso em: 09 de abr. 2020.

# OS POVOS INDÍGENAS PEDEM PASSAGEM

Estima-se que, na chegada dos europeus ao Brasil, os nativos contavam com 5 a 6 milhões de pessoas e uma diversidade sociocultural muito variada (BRASIL, 1998). Apesar desses números serem controversos entre os historiadores, o que se sabe é que muitos membros de distintos povos indígenas

acabaram desaparecendo devido ao processo de expansão do território e dos trabalhos forçados promovidos pelo sistema capitalista mercantil adotado pelos colonizadores europeus. Além disso, as doenças também foram fatores que contribuíram para diminuir esses povos.



COMO ASSIM?!



E A VERSÃO DOS ÍNDIOS?!



Fonte: Armandinho, de Alexandre Beck

## NA PRÁTICA

Com base na tirinha, pergunte aos alunos o que ouviram sobre a história do Brasil. Qual a visão dos colonizadores sobre os indígenas ao chegarem às terras brasileiras? Que tipo de documento escreveram para relatar o que viram? O que eles pensavam sobre os indígenas?

Procure saber se conhecem algum documento escrito pelos indígenas que também relata a chegada dos colonizadores ao Brasil. Que tipo de documento encontraram?

Incentive a pesquisa de modo que os alunos percebam sob qual perspectiva a história foi mais contada: a dos colonizadores ou a dos indígenas?

Como isso ocorreu? Por quê? O que poderia ter sido diferente?

Como sugestão, apresente a carta escrita por Pero Vaz de Caminha ao Imperador. Após a leitura, pergunte quais os aspectos positivos e negativos descritos na carta sobre as terras brasileiras e sobre o povo que os portugueses encontraram.

Proponha a escrita de uma carta como se fossem os povos indígenas que habitavam as terras brasileiras na ocasião do processo de colonização do Brasil. O que diriam os indígenas ao Imperador? Compartilhe as cartas entre os alunos.

Atualmente, apesar das dificuldades enfrentadas por esses povos ao longo de todo o processo de ocupação nas terras brasileiras, os povos indígenas ainda lutam por sua sobrevivência e preservação de suas culturas.

Hoje, segundo dados estimados pela Funai (Fundação Nacional do Índio), existem 305 etnias diferentes, com uma população de aproximada-

mente 818 mil indígenas, que representa cerca de 0,4% da população nacional. Esses números referem-se aos indígenas que vivem em espaços rurais, em sua predominância, e urbanos. Estima-se ainda a existência de cerca de 100 a 190 mil indígenas vivendo fora de suas terras, enquanto há indícios de mais ou menos 69 grupos sem qualquer contato com a sociedade (isolados), fora aqueles que estão



# POVO HALITI PARESI – UM EXEMPLO DA DIVERSIDADE CULTURAL INDÍGENA NO BRASIL



Parte do povo *Haliti Paresi* em dia de festa tradicional.

A diversidade pode ser considerada um dos mais valiosos patrimônios humanos. As diferentes concepções de mundo, línguas e expressões artísticas enriquecem a cultura e prosperam a tolerância.

Quando se fala em diversidade indígena não é diferente. São muitos povos, com relações distintas entre homem e natureza, arte e técnica, memória e imaginação, música e dança, canto e encantamento, elucidação e mitologia, reflexão e criação. Todas essas ações contribuem para a prevenção contra o pensamento etnocêntrico, que desvaloriza as culturas e desconsidera as ricas peculiaridades de cada sociedade específica.

Cada povo apresenta características, estratégias de resistência e diferentes histórias de relacionamento com os atores sociais. Todos buscando o seu protagonismo na História e o exercício pleno da cidadania.

Nesse sentido, não há como generalizar os povos indígenas considerando-os como um único povo. Se há tanta diversidade, obviamente há uma grande distinção no modo de viver de cada um desses povos. Sendo assim, há muito o que aprender sobre cada um deles.

O povo *Haliti Paresi* representa um desses povos com um vasto conhecimento sociocultural. Para que esse conhecimento não seja transmitido apenas de forma oral, registramos parte dele neste material. Dessa forma estaremos contribuindo para a valorização de uma das muitas culturas existentes no território brasileiro, mostrando a diversidade cultural e chamando a atenção para que cada uma das culturas existentes possa ser tratada de forma peculiar, sem que sua identidade se generalize ou se façam comparações entre elas.

## Para pensar!

Analise a tirinha a seguir:



Fonte: Armandinho, de Alexandre Beck

Se pensarmos nas diversas regiões do Brasil, percebemos uma grande diversidade de culturas desde o Norte até o Sul do país. O modo de falar, de se vestir, as comidas típicas, o artesanato e muitos outros elementos caracterizam cada grupo dentro da sociedade. Ao pensarmos na variedade de etnias indígenas existentes no território brasileiro, não se pode deixar de valorizar a diversidade cultural que existe entre esses povos.

Apresente a tirinha para os alunos e questione-os: Qual a melhor maneira de respeitar as tradições de uma sociedade ou de um determinado povo? Ouça as respostas dos alunos.

Ressalte que conhecer com mais detalhes a vida das pessoas pode ser a melhor alternativa para valorizar, respeitar e aprender sobre o seu cotidiano.

## Quem são os Haliti Paresi?



Parte do povo *Haliti Paresi* em dia de festa tradicional.

A etnia *Haliti Paresi* destaca-se no estado brasileiro do Mato Grosso por sua interação sociopolítica, pelos constantes avanços em seu etnodesenvolvimento e bom relacionamento com os não índios.

Os *Paresi* se autodenominam *Haliti* (povo, pessoa, gente) e habitam desde tempos imemoriais a área do

Chapadão dos Parecis (MACHADO, 1994; ROQUETTE-PINTO, 2005). Atualmente, a denominação utilizada é *Haliti Paresi*, termo que é uma junção do nome que utilizam entre eles e o termo *Paresi*, atribuído a eles pelos colonizadores.

É um povo muito preocupado em manter seus costumes e tradições, bem como a preservação e a conservação de seu território, tendo em vista todas as consequências sofridas ao longo da História com os não índios.

### ▣ *Pareci* ou *Paresi*?

As duas formas usadas para identificação desse povo estão corretas. Porém, a diferença está na forma de abordagem. Quando há uma referência às terras ocupadas pela comunidade usa-se *Pareci*, mas quando a referência está relacionada ao povo (ao grupo de pessoas) usa-se *Paresi*.

### ▣ *Aldeias do povo Haliti Paresi*

As 63 aldeias dos *Haliti Paresi*, localizadas na área do médio-norte mato-grossense, estão concentradas nos municípios de Tangará da Serra, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Diamantino, Nova Marilândia, Conquista do Oeste e Barra do Bugres. Essa área é cortada pela BR-364, rodovia que liga Cuiabá a Porto Velho (CANOVA, 2001).

### 🔍 *Investigue*

Peça aos alunos que pesquisem e cole no caderno o mapa que representa a região onde está localizada a área das aldeias do povo *Haliti Paresi*.

A Aldeia Rio Verde serve como ponto central para as outras aldeias do povo *Paresi*. Ali, existem mais recursos, em comparação com as outras aldeias, como



Parte do povo *Haliti Paresi* em dia de festa tradicional.

Gentileza Aldeia Rio Verde

por exemplo: energia elétrica em todas as casas; duas escolas (uma estadual e outra municipal) inseridas no contexto de educação escolar indígena; posto de saúde; poço artesiano; e trator para limpeza e coleta de lixo. Há também carros disponíveis para o atendimento das famílias quando necessitam se deslocar para as cidades próximas em busca de algum atendimento especial. Em virtude da grande extensão de terra das áreas indígenas *Pareci* (cerca de 1.500.000 ha.), existem outros dois polos de saúde, que se localizam nas aldeias Bacaval (Campo Novo do Parecis) e Três Lagoas (Conquista do Oeste – Terra indígena juininha), oferecendo os mesmos atendimentos que o posto da Aldeia Rio Verde.



Gemiliza Aldeia Rio Verde

Posto de saúde localizado dentro da Aldeia Rio Verde. Serve também de apoio e atendimento às outras aldeias da etnia.

#### EM DEBATE

Instigue os alunos a debaterem as seguintes questões:

- Existem escolas e postos de saúde no seu bairro? Você já utilizou algum desses serviços?
- Sua família se beneficia do atendimento médico oferecido?
- Como você avalia os serviços oferecidos? O que pode ser melhorado?
- Qual a importância de se ter escolas e postos de saúde dentro das comunidades indígenas?
- De que forma a unidade de saúde pode contribuir para que a vida dos moradores das aldeias indígenas seja melhor?

#### ❖ De onde vieram os *Haliti Pareci*?

Existem algumas variações quando se relata o mito de origem do povo *Haliti*. Porém, quando se trata de definir o local onde surgiram os *Pareci* pare-

ce haver consenso de que isso se deu no noroeste do estado de Mato Grosso, nas águas do Rio Sucuruína, sobre as quais uma grande formação rochosa arma-se tal qual uma ponte natural, motivo este que levou à denominação de “Ponte de Pedra” (PAES, 2002, p. 28).

De acordo com as crenças dos *Pareci*, nessa grande pedra moravam seres humanos que saíram para as diversas áreas e se organizaram nos grupos *Pareci*. Segundo moradores da Aldeia Rio Verde,

no início não havia terras demarcadas, o Brasil ainda não existia, nem o homem branco. Somente deus *Enoraretse* vivia no mundo com apenas dois filhos: um homem e uma mulher. Deus mandou seus filhos buscarem água no rio e quando chegaram lá ouviram um grande barulho e ficaram com medo. Saíram correndo. Quando se encontraram com o pai, deus *Enoraretse*, novamente eles lhes perguntou: O que aconteceu? Porque não trouxeram água? Então, os filhos com muito medo responderam: – Ouvimos um forte barulho, ficamos com medo e fugimos. Deus *Enoraretse* foi confirmar se o barulho era verdade. Então, ele bateu na rocha e o pica-pau-anão aumentou o buraco na rocha para sair *Wazaré* e seu povo. Quando *Enoraretse* bateu na pedra, as pessoas desmaiaram. Ele sabia que as pessoas que estavam desmaiadas eram pessoas boas. Então, ele ficou triste. As pessoas desmaiadas acordaram e continuaram a vida dentro da pedra cantando e dançando. O urubuzinho viu a rachadura e saiu da pedra. Lá fora, viu um mundo muito lindo com flores muito cheirosas. Ele voltou para a pedra de novo e as pessoas que estavam lá perguntaram porque ele estava triste. Ele respondeu que havia visto um mundo maravilhoso. *Kamaehiye*, a pessoa da sabedoria, com a visão mais ampla do grupo, disse que não conhecia nada daquele mundo. O urubuzinho mostrou flores para ele, bem cheirosas. O grupo pegou mais flores cheirosas. Um outro grupo de homens pegou uma outra espécie de flores e as espalhou pelo corpo atraindo as mulheres. Chamaram o pica-pau para aumentar o buraco da pedra, mas o bico quebrou. Convidaram outros animais, como a arara, que tinham bicos mais fortes. Todos saíram da pedra. Além das pessoas saírem, também saíram as coisas ruins, como ciúmes, doenças, fome, etc. Saiu *Koitihore*, o ancestral dos não indígenas. E ele quis dividir as riquezas (dinheiro, armas de fogo, animais) que ele tinha com o irmão dele, *Wazaré*. Mas *Wazaré* não aceitou a oferta do irmão. Ele disse que futuramente o povo iria ser prejudicado, e o lugar poderia ficar sujo. O dinheiro poderia causar intriga entre os povos, e as armas iriam causar morte. *Waihalidyo*, uma mulher gorda, irmã de *Wazaré*, ia saindo por último da pedra, mas ela tinha esquecido seu tear. Quando ela voltou para buscá-lo, eles fecharam uma parte da rachadura e não quiseram que ela sáísse, pois ela poderia deixar o povo feio. Ela olhou para o lado dos *imuti* e eles ficaram grandes e gordos. Assim, o povo começou a caminhar colocando nome nas coisas que via. *Wazaré* demarcou o limite de terra para o seu povo e disse a eles que não poderiam sair, não poderiam matar os animais e nem sair para beber água. O povo foi dividido em subgrupos – *waimaré*, *kaxiniti*, *kozarini*, *warere* e *kawali*, e cada um ficou com uma parte das terras que descobriu. Essa é parte da história do povo *Pareci*.

### E você, de onde veio?

Questione os alunos se todas as pessoas são provenientes do mesmo lugar. Leve-os a refletir sobre a formação dos povos habitantes do Brasil até chegar na formação da própria família.

Peça aos alunos que descubram mais informações sobre a origem de seus familiares por meio do seguinte questionário:



a) Qual o sobrenome da família?

.....

b) Qual o local de origem dos familiares?

.....

c) Seus familiares sempre moraram na mesma casa/ apartamento ou já se mudaram de município, estado ou país?

.....

d) Quais os motivos das mudanças?

.....

e) Como se deslocaram de uma área para outra?

.....

f) Quais as dificuldades enfrentadas com as mudanças?

.....

.....

g) Como se sentem após as mudanças ocorridas? Elas foram positivas ou negativas? Justifique.

.....

.....

Após a investigação, compartilhe as respostas entre os alunos. Desenhe um mapa do Brasil em tamanho maior de modo a mostrar todas as regiões do país. Construa um gráfico para saber de qual(is) região(ões) as famílias vieram. Insira um pequeno vetor que represente uma pessoa para indicar a origem de cada aluno. Leve os alunos a perceber de qual região vieram mais alunos.

Refleta que assim como as famílias da turma são formadas por diversos grupos sociais, as sociedades indígenas também possuem características próprias e cada povo tem sua formação étnica.

Procure saber, além do povo *Haliti Paresi*, que outras etnias indígenas existem no Brasil e a origem de cada uma delas. Divida a turma em pequenos grupos para que cada um possa trazer informações sobre a origem de uma etnia diferente. As descobertas podem ser apresentadas por meio de cartazes ou por uma apresentação em PowerPoint.

## Sistema de organização social dos *Haliti Paresi*

**ASSOCIAÇÕES:** formadas por lideranças indígenas, respondem juridicamente pelo povo indígena. Porém, não são todas as etnias que as possuem.

**CACIQUE:** líder geral das aldeias. Todas as decisões administrativas passam por seu gerenciamento.

**PAJÉ:** líder espiritual das aldeias. A ele cabe a responsabilidade do batismo, da cura de doenças e rituais em funerais.

**LIDERANÇAS:** pessoas que se comprometem com a causa indígena e lutam por ela. Por exemplo, um professor, que não faz apenas o trabalho de sala de aula, mas busca ajudar a comunidade e está envolvido com as questões relacionadas ao povo de maneira geral.

**COMUNIDADE:** formada por todos os moradores das aldeias que participam das decisões para benefício coletivo.

Povo *Haliti Paresi* em dia de festa tradicional.



## SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO ESPACIAL



Parte do território indígena Pareci onde se localiza a Aldeia Rio Verde.



Construção de uma Hati (casa tradicional).

A maioria das aldeias segue o formato circular ou oval com um grande pátio no centro, que serve como local para as grandes reuniões, esportes e comemorações das festas tradicionais. A maioria das moradias se configura no estilo das *hati*, também conhecidas como casas tradicionais. A arquitetura dos casões é impressionante, chegando a medir mais de 5 metros de altura. A armação oval é toda feita em madeira retirada da natureza pelos moradores locais. Depois que a armação fica pronta, colocam-se as folhas de guariroba ou buriti. A construção da *hati* leva em torno de 30 dias com mais ou menos 2 a 3 homens trabalhando. Cada casão tem duas aberturas, uma voltada para o nascer do sol e a outra para o pôr do sol.



Construção de uma Hati finalizada.

Para entrar nos casões é necessário curvar o corpo para facilitar o acesso. De acordo com Paes (2002, p. 29), “o fato de se curvar para entrar no casão pode ser entendido como um gesto de reverência a um templo sagrado”.

O chão dos casões é feito de solo batido, onde são colocados todos os móveis que compõem uma casa. Não há paredes que dividem os cômodos dos casões. Para alguns móveis, como guarda-roupa e fogão, coloca-se uma armação de madeira para proteger do solo. Além dos móveis, existem muitas redes penduradas nas armações de madeira. Elas servem para descansar e também para dormir.



Interior de uma Hati ainda sem mobílias.

As *hati* (casas tradicionais) são muito organizadas e limpas. Todos os móveis e objetos são bem guardados. Os mantimentos também possuem lugar específico para serem guardados. A pia para lavar louças e o banheiro são construídos próximos, mas fora da *hati*.

Geralmente dentro das *hati*, moram famílias constituídas por pai, mãe e filhos ou avós e netos. Quando os filhos se casam constroem sua própria moradia. Porém, em alguns momentos, mesmo depois de casados permanecem na casa dos pais.

A temperatura dentro dos casões é sempre bem agradável e, apesar de ser bem quente durante o dia, fica fresco lá dentro e à noite faz bastante frio. Sempre se acende uma pequena fogueira no interior da *hati*, à noite, para esquentar o local. Atualmente, em algumas aldeias existem casas feitas de alvenaria e de madeira. Geralmente os líderes com mais influência vivem nesses tipos de casa.



Interior de uma Hati.

Casas tradicionais da Aldeia Rio Verde.



## Para pensar!

Pergunte aos alunos como foi construída sua própria casa. Que materiais foram usados na construção? Que tipos de móveis possuem? Quais são as regras para uma boa convivência dentro de sua casa?

Após compartilharem as respostas, peça-lhes que imaginem como é a convivência entre as famílias dentro de uma *hati*. O que precisam fazer para que tenham harmonia vivendo em um mesmo local?

## 🔗 Língua materna

A língua falada pelo povo *Haliti Paresi* é o *aruak*. A língua materna é um dos principais pontos da preservação da identidade cultural desse povo. As crianças desde cedo aprendem a língua tradicional e quando vão à escola continuam a desenvolver a fala e a escrita. A comunidade acredita que, se um dia a língua deixar de ser falada, o povo deixará de existir. Dessa forma, eles têm como um dos principais objetivos a manutenção da língua *aruak* entre as famílias, especialmente no caso das novas gerações, para que se valorize a cultura desse povo ao longo dos tempos.

## Saiba mais

### Aprendendo a escrever na língua *aruak*

#### Letras maiúsculas (Zaidyatitse kalotsero)

A B BY D DY E F FY H HY I J K KW KY L LY M MY N NY O R T TS TX TY U W WY Y Z

#### Letras minúsculas (Zaidyatitse kidyanetsero)

a b by d dy e f fy h hy i j k kw ky l ly m my n ny o r t ts tx ty u w wy y z

#### Cores

Se você fosse escrever o nome das cores na língua *aruak* seria assim:

Verde – *TIHYOLERE*

Violeta – *TAWALORE*

Rosa – *WAWARE*

Azul – *TIHYOLAIYERO*

Roxo – *KAHOLERE*

Marrom – *TIDYERE*

Azul céu – *KAMALORE*

Vermelho – *ZOTERE*

Preto – *KIYERE*

Alaranjado – *HOTXIKERE*

Cinza – *ZUWERE*

Amarelo – *TXIKERE*

Branco – *IYOMERE*

#### Como se conta até 10 na língua *aruak*?

0 – *MAIHÃ ZÓARE*

1 – *HATITA*

2 – *HINYAMA*

3 – *HANAMA*

4 – *ZALAKAKWA*

5 – *HALAKWA KAHITI*

6 – *HALAKWA KAHITI TAKWA HATITA KAHITI HIYE*

7 – *HALAKWA KAHITI TAKWA HINYAMA KAHITI HIYE*

8 – *HALAKWA KAHITI TAKWA HANAMA KAHITI HIYE*

9 – *HALAKWA KAHITI TAKWA ZALAKAKWA KAHITI HIYE*

10 – *MAINIKERE KAHITI*

Fonte: Zozoiterô - *ikya haliti-kozarene wawaiyore wazaidyatya wakaiyarezatya*/ Vamos aprender a ler e a escrever no idioma *Haliti Paresi*/organizado por Rony Walter A. Presi e Elias Januário – Cáceres: Unemat, 2011.

## NA PRÁTICA

Prepare uma ou duas aulas sobre a influência indígena no Português Brasileiro, para que os alunos percebam as relações entre os elementos do cotidiano e a valorização das culturas de forma significativa. Entre essas aulas, você pode utilizar as músicas disponíveis nos links abaixo:

- "Tu, tu, tu, tupi!", de Hélio Ziskind:

<<https://bit.ly/2V0gsUJ>>;

- "Querelas do Brasil", de Maurício Tapajós e Aldir Blanc:  
<<https://bit.ly/3c9fJWS>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

Elas apresentam diversas palavras de origem indígena que fazem parte do português brasileiro. Peça aos alunos que preparem um miniglossário com palavras de influência indígena sobre o português brasileiro (nome de pessoas, nomes de ruas, cidades, nomes de rios, etc.). Esse trabalho pode ser feito em grupos. Para consulta, acesse os links a seguir:

- <<https://bit.ly/2Rqp5Wm>>;

- <<https://bit.ly/2yRhc5Z>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

### Casamento e filhos

Os casamentos acontecem entre os moradores quando são bem jovens, alguns quando ainda são adolescentes, entre 15 e 21 anos. Quando um homem se interessa por uma mulher da aldeia, ele vai até a casa dos pais dela e comunica que quer se casar com ela. Então, as famílias se juntam para conversar e autorizar a união. Após esse consentimento, eles passam a morar juntos. Não há cerimônia de casamento.

Hoje, já se pode escolher o parceiro diferentemente de algum tempo atrás, quando os casamentos eram contratados pelos pais. Não é interessante que haja grande demora para se casar.

Na cultura *Paresi* é importante ter muitos filhos, pois isso garante a continuidade e a tradição da etnia e aumenta o número de pessoas para ajudar nos trabalhos de casa. Dessa forma, os pais também terão quem cuide deles na velhice.

Uma das famílias do povo *Haliti Paresi*.





Crianças da etnia *Haliti Paresi*, da Aldeia Rio Verde, usando trajes típicos em dia de festa tradicional.

Atualmente, a quantidade de crianças que nascem é bem inferior à natalidade de tempos passados. Isso acontece também por razões financeiras, ou seja, não é tão fácil manter famílias com um grande número de pessoas.

Caso as mulheres desejem não ter muitos filhos elas optam pelo uso de meios contraceptivos naturais, tomando infusão de uma erva nativa local.

### Investigue

Oriente os alunos a fazer uma pesquisa baseada nos seguintes questionamentos:

- Como acontece o casamento em sua sociedade?
- Conhece outras formas de casamento diferentes do seu grupo social? Peça-lhes que compartilhem as descobertas com seus colegas.

### Os idosos na comunidade *Haliti Paresi*

Há um grande respeito aos mais velhos dentro da aldeia. Eles são especiais para a comunidade por trazerem consigo costumes, experiências, língua materna, sabedoria e os principais rituais que distinguem o seu povo. Os filhos, crianças e jovens passam todos os dias na casa dos avós para conversar com eles, ouvir histórias, cantos, rezas e conselhos. Não se faz nada sem que os avós saibam ou sem o seus conselhos. É uma relação baseada na amizade, ensinamento e respeito mútuo sobre as experiências e o conhecimento e relacionados ao dia a dia da vida, sem perder a identidade cultural do povo.

Imagens: Gentileza Aldeia Rio Verde.



Casal de idosos da Aldeia Rio Verde, povo *Haliti Paresi*.

### Saiba mais

Você sabia que no dia 01 de outubro é comemorado o Dia do Idoso?

No Brasil, desde 2003, foi criado o estatuto do idoso no qual são estabelecidos os direitos dos idosos e são previstas punições a quem os violar. Isso visa garantir melhor qualidade de vida a todas as pessoas com mais de 60 anos de idade. Instigue os alunos a conhecer mais sobre o estatuto acessando o link: <https://bit.ly/2xkY8MT> Acesso em: 28 abr. 2018.

Após a pesquisa realizada sobre o estatuto dos idosos, questione os alunos:

- Quais são os principais direitos assegurados aos idosos dentro da cultura não indígena?
- Esses direitos são realmente vivenciados por todos?
- O que ainda pode ser feito para melhorar a qualidade de vida dos idosos dentro da cultura não indígena?
- Existem idosos em sua família? Como são tratados?
- O que podemos aprender com a comunidade *Haliti Paresi* a respeito do cuidado para com os idosos?

Além desses questionamentos, solicite aos alunos que façam uma entrevista com um idoso (da família ou não) para investigar como eles contribuíram ou contribuem para a sociedade da qual fazem parte. Para facilitar o trabalho, sugerimos o seguinte roteiro:



 **Entrevista**

Entrevistador: .....

Data da entrevista: .....

**1. Identificação do entrevistado**

a) Idade: .....

b) Local de nascimento: .....

c) Estado civil: .....

d) Número de filhos: .....

**2. Ainda vive no local de seu nascimento? Caso não, por que mudou de cidade? Como isso aconteceu?**

.....  
.....

**3. O modo de vida no período de sua infância se assemelha aos dias atuais? Quais as semelhanças e diferenças percebidas ao longo do tempo?**

.....  
.....

**4. Quais as tradições familiares que você recebeu de seus avós e pais?**

.....  
.....

**5. Você passou essas tradições para seus filhos e netos? Elas são mantidas nos dias atuais?**

.....  
.....

## 🔱 Festas tradicionais

As principais festas tradicionais dos *Paresi* são: a do batizado, a da colheita e a da menina-moça, além de alguma festa em agradecimento ao deus *Enoré*, caso tenha acontecido algum livramento de um membro da aldeia por motivo de doença.

A festa de batizado das crianças geralmente acontece quando elas ainda são bem pequenas. Até então, o nome indígena da criança não é escolhido, porém não se recomenda a demora para o ritual do batismo, uma vez que a criança sem nome pode correr o risco de ficar doente com facilidade.

A criança é levada ao rio, onde recebe uma “bênção” do líder espiritual da aldeia, conhecido como *pajé*. Para cada membro da aldeia é escolhido um nome diferente, mesmo que a pessoa seja da mesma família. Os nomes são escolhidos baseados em elementos da natureza.



Criança sendo batizada. Nesse ritual, ela recebe o nome indígena.

A festa da colheita geralmente é realizada após o resultado que se obtém das roças tradicionais. Tudo o que foi produzido é ofertado primeiramente ao deus *Enoré* e depois é repartido entre a comunidade. Nessa festa, a celebração é feita com danças e cantos profêricos pelos homens.



Alimentos que serão oferecidos ao deus *Enoré* em agradecimento pela colheita.

A festa da menina-moça ocorre quando uma garota da aldeia tem a primeira menarca. Quando isso acontece, a menina primeiramente é levada para uma oca menor construída dentro da *hati* (casa tradicional) e lá ela permanece por 30 dias recebendo banhos especiais e conselhos de sua mãe e avó. Os demais moradores da aldeia ficam sem contato com a menina durante esse período. Quando o ritual é concluído, a família da moça oferece uma festa apresentando-a à comunidade, sinalizando que a menina já está pronta para compromissos mais sérios, como o casamento. Para os garotos não há nenhum ritual de passagem da infância para a adolescência.



Família apresentando a filha à comunidade no dia da festa da menina-moça.

De forma geral, todas as pessoas participam das festas tradicionais, tanto mulheres quanto crianças. A única restrição acontece no ritual do *iyamaka* (flauta sagrada), uma dança em oferecimento ao deus *Enoré*, em que a mulher é proibida de participar até que os homens concluam o ritual de danças e rezas. Depois que se concede a liberação, elas participam envolvendo-se também na dança.



Homens trajados para apresentação tradicional.

### **Investigue**

- Peça aos alunos que investiguem junto aos seus familiares quais as principais festas tradicionais vivenciadas pela família deles e comparem os resultados com os colegas. Leve-os a perceber que pode haver diferenças entre os costumes das famílias.
- Discuta com os alunos sobre a importância das festas tradicionais para qualquer grupo social.



### **Pinturas corporais**

As pinturas são consideradas uma herança cultural deixada pelos ancestrais do povo *Haliti Paresi*. Serve para deixar o corpo bonito nos dias das principais festas tradicionais realizadas nas aldeias e também para proteger os corpos de possíveis ataques de animais, deixando a alma imune contra qualquer mal de natureza física e espiritual.

As pinturas são feitas com uma mistura de extrato de jenipapo (para a cor preta) e urucum (para a cor vermelha) simbolizando peles de animais (como alguns tipos de cobra) e elementos da natureza, como o raio, por exemplo.

Exemplos de pinturas corporais.



Imagens: gentileza Aldeia Rio Verde

Árvore e frutos de jenipapo.

### ▣ Trajes típicos

Homens, mulheres e crianças trajam-se por inteiro, também como forma de se embelezarem, mas sempre com o intuito maior de preservar a cultura local. Os trajes não são fáceis de se adquirir e podem ser usados em eventos fora da aldeia, desde que seja para ressaltar a tradição da etnia.

Hoje em dia, existem pessoas de etnias específicas que são especialistas na produção dessas roupas. O custo delas também não é muito baixo, pois toda a produção é manual e não é fácil encontrar a matéria-prima que confere beleza aos adornos confeccionados (geralmente penas de araras azuis e vermelhas).

Os homens e meninos geralmente usam um cocar para adornar a cabeça, o qual é feito de penas de aves (arara, especialmente), uma tanga (*zahitse*), colares e pinturas na maior parte do corpo.



Trajes típicos e adornos usados pelo povo *Haliti Paresi*.

As mulheres usam uma tiara na cabeça, também confeccionada com penas de aves, uma saia (*txidibya*) e um top para cobrir as partes íntimas. Uma das marcas mais evidentes da mulher indígena são os cabelos. Geralmente muito compridos e na cor preta. Tradicionalmente, quanto mais comprido, mais bonita a mulher se torna. Algumas mulheres não usam o top. Elas também usam vários colares colocados de forma transversal no peito e pulseiras bem decoradas. Os colares geralmente são feitos de miçangas e de outros elementos naturais, como coquinhos, ossinhos de peixes e sementes variadas.



Imagens: gentileza Aldeia Rio Verde

## Saiba mais

### Grafismo indígena

O grafismo dos povos indígenas ultrapassa o senso de beleza. Trata-se de um código de comunicação complexo que exprime a concepção que um grupo indígena tem sobre um indivíduo, suas relações com os outros indígenas, sua identidade étnica e a relação com o meio onde vive.

Os grafismos possuem características básicas:

- São inspirados nos elementos da natureza: folhas de árvores, escamas de peixes, movimentos de cobras, cascos de tartarugas, peles de animais etc.;
- Possuem simetria;
- Têm formas simples e repetidas.

As pinturas são usadas no corpo e também na decoração dos objetos confeccionados pelos indígenas. Geralmente são feitas pelas mulheres. Para cada ocasião se faz uma pintura diferente. Cada etnia possui diferentes grafismos que os diferem uns dos outros.



Adornos típicos da etnia Paresi.



Artesanatos típicos do etnia Paresi.

Imagens gentileza Aldeia Rio Verde

## Você é o artista!

Com as informações aprendidas sobre o grafismo indígena, peça aos alunos que criem em uma folha de papel A4 um desenho baseado nesse tipo de arte. Apresente-o aos colegas explicando-lhes como foi criado.

### CONECTADO

Para mais informações sobre as sociedades indígenas acesse os links abaixo:

- <<https://bit.ly/2XomRL2>>;
- <<https://bit.ly/3bbcEpv>>;
- <<https://bit.ly/34rKXG8>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

### Músicas

Como afirma Barros (2006), a música indígena está sempre ligada a uma festa, um canto de trabalho, uma incitação à guerra, um ritual de passagem, um encantamento, um exercício de memória coletiva ou qualquer outro evento coletivo importante para a comunidade.

No caso da comunidade indígena *Haliti Paresi* não é diferente. A música também está sempre presente nas festas tradicionais. O conjunto de cantos referentes a essa etnia denomina-se *zerati*. Os homens formam grandes rodas e cantam ao deus Ênore em agradecimento pelas conquistas do povo. As letras das músicas evocam aspectos da natureza. Os cantos também são uma forma de transmitir a cultura às novas gerações e preservar as tradições da etnia.

### Investigue

Pesquise os tipos de instrumentos utilizados para a composição das músicas nas aldeias do povo *Haliti Paresi*.

### CONECTADO

O site <[radioyande.com](http://radioyande.com)> é uma rádio indígena web que apresenta músicas de artistas indígenas. Nesse mesmo site também é possível conhecer a lista e alguns clipes dos vários artistas musicais indígenas encontrados no Brasil.

## Brincadeiras e esportes: tradicionais e atuais

As brincadeiras tradicionais praticadas anteriormente pelas crianças indígenas eram: a peteca, o *jikyonahati* (cabeça-bol), *tidimore*, arco e flecha e cabo de guerra.

Atualmente, essas brincadeiras não ocorrem com frequência nas aldeias, mas ainda são realizadas durante os Jogos Indígenas, disputa anual entre várias etnias indígenas com brincadeiras e esportes tradicionais.

Conheça um pouco mais sobre as brincadeiras e esportes praticados pelo povo *Haliti Paresi*:

### Peteca

A parte mais pesada (base) da peteca é feita de areia e folha de palha de milho. A parte mais leve, de penas de ema. Para jogar é preciso no mínimo dois jogadores. É preciso jogar a peteca com a palma das mãos. A ideia é não deixá-la cair. Quem deixar que ela caia, sai do jogo. Aquele que ficar por último vence a rodada.

## Você é o artista!

Prepare os alunos para essa atividade com antecedência. Oriente na organização dos materiais. Após a confecção, permita que os alunos brinquem no pátio escolar.

### Vamos fazer uma peteca?

#### Você vai precisar de

- 1 bola de papel feita com duas folhas de jornal;
- 1 quadrado de TNT (na cor de sua preferência) de 20x20 cm;
- 1 pedaço de fita para amarrar (pode ser uma tira do TNT).

#### Como fazer

1. Abra o quadrado de TNT sobre uma superfície lisa.
2. Faça uma bola de papel usando as duas folhas de jornal. Coloque a bola formada no meio do TNT aberto.
3. Junte as pontas do TNT, amarrando no meio próximo à bola de papel.

Sua peteca está pronta. Agora é só se divertir!

Cole uma foto da sua peteca aqui!

### ❖ **Jikyonahati (cabeça-bol)**

O jogo deverá ser feito entre duas equipes sem limite de jogadores. É permitido tocar a bola somente com a cabeça. Uma equipe pontua quando a equipe adversária erra a jogada ou joga a bola fora da linha de corte. Não há limite de tempo e de pontuação.

### ❖ **Saiba mais**

A bola utilizada no jogo cabeça-bol é peculiar. É feita com a seiva de mangabeira, um tipo de látex. O processo de confecção tem duas etapas: na primeira, a seiva é colhida e colocada sobre uma superfície lisa, onde permanece por certo tempo, até formar uma camada ligeiramente espessa. Na segunda fase, faz-se a parte central da bola (núcleo), que inclui o aquecimento da seiva de mangaba em uma panela e resulta em uma película. O látex tem suas extremidades unidas, de modo a formar um saco que será inflado com ar, por meio de um “canudo”. Depois, o núcleo ganha formas arredondadas e recebe sucessivas películas de látex, obtidas da primeira etapa, até formar uma bola, secar e resfriar, ganhando consistência suficiente para pular. A bola tem aproximadamente 30 cm de diâmetro. Disponível em: <<https://bit.ly/2wNP2rW>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

### ❖ **Tidimore**

Consiste em colocar um grão de milho em uma varetinha a uma distância de 25 metros, com o objetivo de jogar uma fruta, como a marmelada verde (tahore), por exemplo, no chão para que role até acertar a varetinha. Ganha quem acerta a varetinha. Atualmente, o fruto é substituído pela bolinha de sinuca, pois o fruto está se extinguindo devido ao desmatamento e às queimadas.

### ❖ **Arco e flecha**

Nessa modalidade não há um limite máximo de participantes. Os jogadores se posicionam lado a lado em fila e devem atirar a flecha o mais distante possível. A flecha que atingir a maior distância vencerá a rodada.



Exemplo de arco e flecha.

### ❖ **Cabo de guerra**

Modalidade praticada para medir os limites da capacidade na força física. Organizam-se em duas equipes de até dez participantes. Ao dar o sinal as equipes tentam puxar uma corda (ou um pedaço de tora) até a marcação indicada. A equipe que conseguir puxar o adversário até a marca indicada vencerá a rodada.

### ❖ **Futebol**

Atualmente, o esporte que predomina entre os meninos e meninas das aldeias do povo *Haliti Paresi* é o futebol. Eles o praticam todos os dias. Possuem times formados e participam de campeonatos que envolvem outras aldeias e outros povos indígenas. Torcem para times famosos do futebol brasileiro e simbolizam isso por meio das bandeiras que aplicam aos adornos que utilizam no dia a dia, como colares e pulseiras.



Imagens: Gentileza Aldemir Reis Verde

Equipes de futebol masculino e feminino da etnia *Paresi*.

### **Investigue**

Solicite aos alunos uma pesquisa sobre os Jogos Indígenas realizados no Brasil:

- Quais são as etnias participantes?
- Quais as modalidades esportivas praticadas?
- Quais as habilidades mais exigidas dos participantes das provas nas diversas modalidades?
- Explique as razões pelas quais os povos indígenas criaram um evento esportivo indígena.

Faça uma roda de conversa de modo que os alunos possam compartilhar as descobertas feitas.

### **NA PRÁTICA**

Junto com o professor de Educação Física, promova o dia dos “Jogos indígenas na escola”. Permita que os alunos pratiquem as brincadeiras e os jogos mais usados pelas comunidades indígenas. Reforce a importância cultural e social dos jogos, bem como suas contribuições para a saúde física das comunidades indígenas e não indígenas.

### **Saiba mais**

Você sabia que existem alguns “remédios naturais” que podem ajudar a prevenir doenças e manter a saúde em dia? A água, o ar puro, a prática de exercícios físicos, a confiança, o descanso, a temperança, a luz solar e a alimentação equilibrada fazem parte da vida daqueles que buscam ter mais longevidade. As comunidades indígenas também usam ao máximo os elementos que a natureza oferece tanto para seu sustento como para sua saúde. E você? Como tem cuidado de sua saúde?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

## CONECTADO

Para saber mais sobre os remédios naturais, acesse os seguintes links:

- <<https://bit.ly/2y1qN9U>>;
- <<https://bit.ly/2RvLPEC>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

## Dica de leitura

*Coleção Gincana da Saúde*, de Ágatha Lemos, publicado pela Casa Publicadora Brasileira. Essa coleção apresenta os remédios da natureza por meio de uma gincana divertida na qual o leitor aprenderá a fazer escolhas saudáveis em seu estilo de vida. Em cada livro há um encarte especial contendo peças para a montagem de um *pop-up*, atividades, curiosidades e surpresas.

## Alimentação

Segundo Souza (1997), antigamente a base da alimentação *Haliti Paresi* era o peixe, o beiju e a caça, principalmente da ema (*awo*), do veado (*zotyare*) e do porco queixada (*hoze*), que tem para eles um valor espiritual. Hoje os alimentos tradicionais são: a mandioca, a batata, o milho, o feijão, as frutas (caju, cajuzinho, mangaba, pequi, bacava, buriti, pitomba, murici, melancia, abacaxi, jabuticaba e banana), a carne dos animais da região (seriema, veado, ema, porco queixada), além de ovos e leite, que também são bastante consumidos.



Preparação da farinha de mandioca.

Hoje, porém, com o processo de hibridização cultural e o aumento da população, a formação das novas aldeias e a diminuição dos recursos naturais disponíveis no local, a maioria das famílias traz de fora da aldeia seus alimentos, como, por exemplo, o pão, o macarrão, os produtos e as bebidas industrializadas.

O maior consumo de alimentos industrializados também está relacionado ao fato de os indígenas não terem grandes plantações devido ao desmatamento nas redondezas das aldeias para a produção de lavouras não indígenas de soja e algodão. Essa situação dificulta o acesso a áreas de bons solos para o plantio. Hoje, há poucas plantações que servem para o abastecimento interno.



## EM DEBATE

- Quais as consequências do desmatamento para as populações indígenas?
- O que pode ser feito para amenizar esses problema?

## Investigue

Peça aos alunos que pesquisem se existem alimentos tradicionais da etnia *Haliti Paresi* que fazem parte da alimentação cotidiana da própria família. Compartilhe as descobertas.

## NA PRÁTICA

### Hora da culinária

Divida os alunos em pequenos grupos. Cada grupo irá preparar alimentos típicos das comunidades indígenas. Ajude-os a não repetir os alimentos. Após o preparo, peça-lhes que tragam os pratos prontos na escola para que possam degustá-los.

Trabalhe com a escrita das receitas preparadas. Confeccionem um caderno de receitas com a culinária indígena apresentada. Trabalhe com as quantidades usadas no preparo de cada prato.

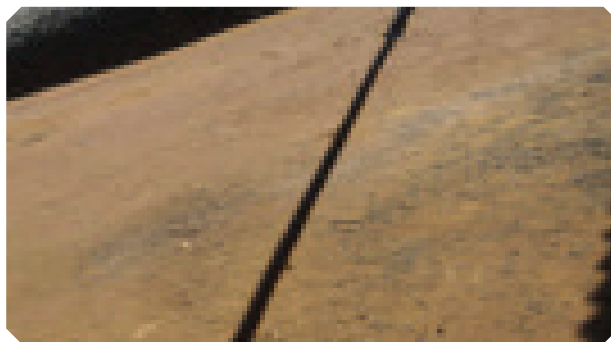
Os alunos poderão pesquisar no site *Tudo-gostoso* através dos links abaixo:

- <<https://bit.ly/2xjjHNZ>>;
- <<https://bit.ly/2y2NTwQ>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

## Caça e pesca

A pesca é feita com o timbó em folha, uma espécie de erva que é amassada dentro de um buraco cavado no chão. E, também com timbó em cipó, batendo-o com um pedaço de madeira e espalhando-o na água. Quando vão pescar, colocam essa erva na água. Passado um tempo o que existe na água adormece e boia. Quando os peixes começam a boiar eles são pegos com um *koho*, um cesto feito de taquara.

Hoje em dia, a forma mais comum de pesca é o que eles chamam de mascarear, feito com um pedaço de aço que serve como uma flecha. Eles mergulham esse objeto e pegam o peixe.



Instrumento usado para a técnica de pesca denominada mascarear.

As espécies mais encontradas na região são: lambari, cará, piau e traíra, em menor quantidade. Hoje, o rio está bem degradado, com pouca mata ciliar, e a quantidade de peixes é bem limitada, porém a água ainda é cristalina, e o rio é rico em argila branca.



Rio Verde, localizado dentro da Aldeia Rio Verde, no Município de Tangará da Serra, MT.

A caça, ação muito explorada no passado, quase também não é praticada, porque não é fácil caçar hoje em dia devido à escassez de animais na área, em função dos problemas ambientais. A facilidade de acesso a produtos industrializados também diminuiu a produção das roças tradicionais entre eles. Dessa forma, são necessários outros meios de sobrevivência. Em alguns dias da semana alguns deles trazem da cidade produtos para vender a outras famílias da aldeia.



Imagens: gentileza Aldeia Rio Verde



Gentileza de Aldeia Rio Verde

Casa tradicional que abriga a *lyamacahana*.

Outra forma de manter uma renda para todas as famílias do povo *Haliti Paresi* é a existência de um direito de passagem localizado na BR-235, estrada que liga os municípios de Campo Novo do Parecis e Sapezal. Esse território pertence à etnia *Paresi*. Como forma de facilitar o acesso dos veículos e diminuir a distância entre os municípios, os diferentes veículos que passam por esse local pagam um valor específico, como forma de estabelecerem uma troca entre os indígenas e os usuários da estrada. Os valores arrecadados pelos indígenas são utilizados para o sustento de suas famílias e para a melhoria nas áreas de saúde, educação, esporte e a manutenção da cultura do povo.

### Religiosidade

Em algumas aldeias existe uma casa tradicional construída em menores proporções que abriga a *lyamacahana* (casa da flauta sagrada). Esse local serve para materializar o deus *Enoré*, ao qual somente os homens podem ter acesso.

Nenhuma mulher pode entrar na *lyamacahana* (casa da flauta sagrada), pois, segundo a tradição, *Enoré*, pode condená-las à morte. Além disso, essa casa geralmente é protegida por aquele que é dono do instrumento sagrado. Se porventura a flauta sagrada for removida ou retirada sem autorização, ou por outra pessoa que não seja o guardião oficial, o povo ficará vulnerável a acontecimentos ruins.

Um dos pontos interessantes da cultura *Paresi* é a importância dada quando um ente da família falece. Eles choram muito e permanecem durante uma noite inteira velando o corpo.

Quando alguém morre, o corpo não é enterrado no cemitério, mas é colocado dentro de um caixão. O corpo é enterrado dentro das próprias casas. É feito um buraco bem fundo e coloca-se uma armação de madeira. O caixão é colocado em cima dessa armação, com uma nova armação sobre ela e joga-se terra até tapar totalmente o buraco. Eles enterram a pessoa dentro de casa, pois consideram falta de respeito deixar o morto em um cemitério, longe da família, onde ficará esquecido. Eles acreditam que quando os mortos precisam falar ou transmitir algo irão se manifestar por meio de sonhos.

Apesar de a religiosidade ser um ponto importante e um dos aspectos da identidade cultural desse povo, atualmente algumas aldeias recebem influência de outras denominações religiosas cristãs.

## 🔗 Poemas e histórias

A contação de histórias é algo bem importante para o povo *Haliti Paresi*. Elas só podem ser contadas para um não indígena por meio de um indígena. Nas aldeias da comunidade, as histórias geralmente são contadas pelos pais ou pelos avós para as crianças e os membros mais jovens. Eles se reúnem dentro das casas ou das *hati* (casas tradicionais), e ficam até tarde da noite trocando essas experiências de modo a preservar os valores e as tradições culturais do povo.

### História de um Casal e o Bicho Pai do Mato

**E**ra uma vez um casal que morava sozinho na aldeia. Eles estavam juntos há muito tempo. Ele ia caçar no campo todos os dias e sua esposa ficava sozinha. Nunca tinha acontecido nada com ela.

Um dia, quando o homem foi caçar, o bicho pai do mato apareceu na aldeia e levou a mulher embora.

À tarde, quando o homem chegou à aldeia, procurou sua mulher em todos os lugares. Procurou na roça, no rio, mas não a encontrou. Então, ele foi em direção à trilha e encontrou o rastro dela.

No dia seguinte, ele foi caçar no campo e encontrou a esposa na casa do bicho do mato. O bicho havia tirado todo o cabelo da mulher. Ela ficou careca. O esposo não acreditou no que viu. Chegou até a perguntar se era a esposa dele mesmo. Ele, então, se preparou com sua flecha, escondeu-se na oca e ficou esperando o bicho pai do mato voltar.

Quando o bicho voltou com a cesta cheia de peixe, o marido estava esperando. Com a flecha, o índio acertou o bicho pai do mato bem no coração e o matou. O homem resgatou sua esposa e a levou de volta para sua aldeia.

### 🔍 Investigue

Pergunte aos alunos: vocês gostam de ouvir histórias? Por que elas são importantes?

Proponha que pesquisem por que as histórias são importantes na cultura indígena. O registro das conclusões poderá ser feito no caderno. Compartilhe as descobertas com os colegas de classe.

### 🔗 NA PRÁTICA 🔗

#### Livro ilustrado

Pergunte aos alunos: que outras histórias indígenas vocês conhecem? Peça-lhes que pesquisem e escrevam uma história indígena, ilustrando-a. Compartilhe as produções na classe.

Aproveite e oriente-os na produção de um minilivro com histórias feitas pelos alunos. Peça-lhes para identificar a qual etnia pertence a história contada e ilustrada. Montem um gráfico para saber que etnia foi mencionada mais vezes nas histórias trazidas. Ressalte mais uma vez a diversidade cultural existente entre os povos indígenas.

A leitura de obras da literatura indígena promovem o desenvolvimento das seguintes competências:

- compreender, interpretar, analisar o que se lê;
- tecer relações entre textos, construir sentidos e confrontar visões de mundo, ideias e opiniões;
- contextualizar conhecimentos;
- pensar criticamente sobre o que se lê.

Além disso, a literatura indígena promove a formação de leitores que se tornam atentos para:

- o modo como estereótipos são construídos e como podem ser debatidos e desfeitos;
- a revisão de conceitos essencialistas;
- a construção de identidades e alteridades;
- a possibilidade de expressar a imaginação, a criação literária, segundo parâmetros culturais diferentes.

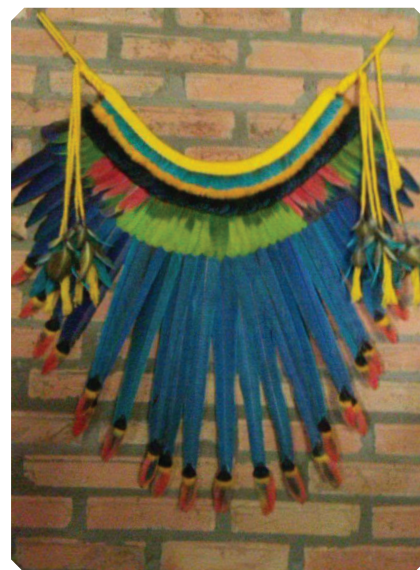
A seguir sugerimos algumas possibilidades de literatura no contexto da diversidade cultural indígena a ser trabalhada com os alunos:

- *Histórias do Xingu*, de Cláudio e Orlando Villas Boas, publicado pela Editora Companhia das Letrinhas: nesse livro, além de saborear algumas das histórias que compõem o imaginário indígena da região do Xingu, as crianças também aprenderão sobre o parque nacional e a importância dos irmãos Villas Boas para a história de nosso país.
- *A floresta canta! Uma expedição sonora por terras indígenas do Brasil*, de Magda Pucci e Berenice de Almeida, publicado pela Editora Petrópolis: esse livro é um convite para se descobrir a diversidade da música produzida pelos indígenas brasileiros, com registros que pouco (ou nada) remetem aos sons que estamos acostumados a ouvir nas cidades, e que, talvez por isso, tenham tanto poder para ativar nossa curiosidade e imaginação.
- *Uma amizade (im)possível: as aventuras de Pedro e Aukê no Brasil colonial*, de Lilia Moritz Schwarcz, publicado pela Editora Companhia das Letrinhas: dois meninos terão suas histórias cruzadas no livro, ambientado no alvorecer da história do país, quando os primeiros contatos entre europeus e indígenas começavam a forjar a sociedade brasileira.
- *Foi vovô que disse*, de Daniel Mundukuru, pela Editora Edelbra: faz parte da tradição indígena ouvir os avós. Eles são considerados os sábios da comunidade porque costumam contar as histórias dos ancestrais. São considerados os guardiões da memória e responsáveis por educar o espírito dos mais jovens.
- *Olívia e os índios*, de Betty Mindlin, publicado pela Editora Scipione: a autora narra a experiência de sua neta, Olívia, uma menina da cidade, que vai passar um tempo com os índios, na Floresta Amazônica. Ela experimenta morar numa oca, dormir na rede, tomar banho no rio, colher frutas na mata, ouvir histórias do pajé e se divertir com as brincadeiras indígenas. Quanto às refeições, a garota prova mandioca, milho, caititu.
- *Contos dos curumins guaranis*, de Jeguaká Mirim e Tupã Mirin, publicado pela Editora FTD: depois de mais de 500 anos de contato com os homens brancos, muitos povos indígenas perderam sua língua, suas terras e até foram extintos. Apesar desse longo convívio, o povo guarani mantém sua língua e suas cerimônias religiosas, que fazem parte do dia a dia nas aldeias. São oito histórias que revelam um pouco do *nhande reko* (modo de vida) do povo guarani.
- *Um dia na vida de um curumim*, de Lídia Chaib, publicado pela Editora Publifolhinha: em uma narrativa envolvente, esse livro traz as aventuras de Caioby, curumim de uma aldeia Tupinambá, grupo indígena que ocupava algumas regiões do litoral brasileiro antes da colonização portuguesa. São apresentados os costumes e o cotidiano dos tupinambá, a divisão de tarefas entre homens e mulheres, a agricultura da tribo, as refeições das famílias, alguns dos animais que pescavam e caçavam para se alimentar e como as crianças se divertiam, aprendiam e ajudavam os adultos nas atividades.

- *Aldeias, palavras e mundos indígenas*, de Valéria Macedo, publicado pela Editora Companhia das Letrinhas: quatro povos e seus costumes *yano, ëjcre, ùne, oOo* — por incrível que pareça, essas quatro palavras significam a mesma coisa. Representam, na língua de quatro povos indígenas (os yanomami, os krahô, os kuikuro e os guarani mbya), a palavra casa. Por meio dela e de muitas outras palavras, o leitor é convidado a fazer um passeio pela imaginação e conhecer um pouco da vida e dos costumes desses grupos: onde moram, como se enfeitam, seus objetos, suas festas, sua língua.
- *Meu avô Apolinário: um mergulho no rio de minha memória*, de Daniel Mundukuru, publicado pela Editora Studio Nobel: o livro resgata parte de sua vida e do seu relacionamento com o vô Apolinário, um velho índio, da tribo munduruku, que contava histórias dos espíritos ancestrais, a quem chamava carinhosamente de avós e guardiões.
- *O segredo da chuva*, de Daniel Mundukuru, publicado pela Editora Ática: Lua nasceu com uma missão. Mas até o momento de sua partida, ninguém sabia qual seria a incumbência de vida do menino. A revelação veio na forma de uma curiosidade sem fim: como fazer chover? Lua traz dentro de si a semente de um mundo melhor. E por isso sua tarefa é concluída com sucesso. Após muitas aventuras perigosas na selva, Lua finalmente encontra o temido deus da chuva. Cansado, mas confiante, o garoto passa por mais uma prova. É preciso formular três perguntas impossíveis de serem respondidas pelo senhor do tempo e, assim, receber o dom de fazer chover.

## Artesanato

O artesanato é uma das principais riquezas do povo *Haliti Paresi*. As peças produzidas servem para uso próprio (como adornos usados junto com os trajes tradicionais, como objetos de decoração para a casa, etc.), bem como para venda externa contribuindo para a renda de muitas famílias. São produzidos objetos como: cestos de palha e taquara, colares de, coquinhos e sementes, pulseiras de miçangas e sementes, espanadores de penas de ema, cocares de penas de pássaros, brincos, objetos para decoração que usam a cabaça, dentre outros. A produção do artesanato também serve para a preservação da cultura local, que é passada de geração a geração.



Artesanatos e adornos típicos da etnia *Paresi*.





Artesanatos típicos da etnia *Paresi*.

#### EM DEBATE

- Que tipo de artesanato é produzido na região onde você mora?
- Quais as semelhanças ou diferenças existentes entre as peças produzidas pelo povo *Haliti Paresi* e as peças produzidas na sua região?
- As peças produzidas pela etnia *Haliti Paresi* são as mesmas produzidas por todas as outras etnias indígenas existentes no Brasil? Explique.
- Qual a importância dos artesanatos produzidos por um determinado povo?

### 🔗 O uso da tecnologia na comunidade *Haliti Paresi*

Atualmente, muitas pessoas ainda acreditam que as comunidades indígenas devem viver reclusas nas reservas ou isoladas da sociedade não indígena e do avanço tecnológico, pois isso pode fazer com que percam sua identidade cultural.

Porém, ao contrário do que essas pessoas pensam, o uso da tecnologia está disponível para todos, inclusive dentro das comunidades indígenas. Isso não os torna menos indígenas. A cultura dos povos indígenas também é dinâmica e não está imune às transformações que o mundo global vive. Ela é um instrumento que, facilita a comunicação entre diversas aldeias e melhora a qualidade de vida dos povos em geral. Por meio de *smartphones*, computadores e internet os povos indígenas podem ser ouvidos, podem fazer denúncias, podem compartilhar sua cultura. Diversas comunidades geram seus próprios conteúdos digitais, por isso diversos *sites* indígenas foram criados para que pudessem utilizar o meio digital para se comunicar, compartilhar a sua arte, história, música etc.

Na comunidade *Haliti Paresi* as mídias digitais são utilizadas não somente para sua divulgação cultural, mas também para melhorar a qualidade de vida nos as-

pectos de saúde e educação. Hoje, muitos moradores cursam o Ensino Superior na modalidade EAD com o objetivo de se tornarem bons professores e, no futuro, voltarem para servir a comunidade da qual fazem parte.

Como em qualquer sociedade, o uso da tecnologia implica riscos. Nesse sentido o povo *Haliti Paresi* ressalta a importância de usá-la com equilíbrio para que a modernidade não se sobreponha à cultura e às tradições do povo, especialmente no que se trata das novas gerações.

#### EM DEBATE

Questione os alunos permitindo que eles possam expor suas ideias:

- Como a tecnologia está presente em sua vida? Explique citando exemplos.
- Como a tecnologia mudou o hábito da rotina de sua família? Mencione os aspectos positivos e negativos.
- Como seria sua vida sem o uso dos recursos tecnológicos disponíveis atualmente?
- Como a tecnologia pode beneficiar as comunidades indígenas?

### 🔗 Educação escolar indígena – existem escolas nas aldeias?

Sim, muitas aldeias têm escola. Como se sabe, a maioria das aldeias fica dentro de terras indígenas, assim cada terra pode ter uma ou mais escolas. Isso vai depender de seu tamanho e da situação de cada comunidade.

As escolas indígenas, assim como as dos não indígenas, também são um espaço de aprendizado para as crianças. Muitas vezes o conteúdo que é ensinado ali pelos professores é bem diferente daquele que é transmitido pelos parentes na aldeia. É claro que esses conteúdos podem se misturar em alguns momentos, mas a escola tem como foco ensinar a escrever, ler, fazer conta, entre outros conhecimentos importantes para o diálogo com o mundo dos não indígenas. Os parentes, por sua vez, ensinam as formas como a comunidade se organiza, como se produzem artefatos e tudo aquilo que é importante para se viver bem naquele grupo.

Além disso, o conteúdo que se aprende nas escolas indígenas é diferente do conteúdo aprendido nas escolas dos não indígenas. Isso porque os povos indígenas têm direito a uma escola diferenciada, isto é, uma escola

que ensine conteúdos que se relacionem à cultura e à língua de cada povo, além do currículo formal. Mas nem sempre esses direitos são respeitados. Muitas vezes, os professores e os livros usados nas escolas indígenas falam de assuntos que não estão ligados ao cotidiano das comunidades indígenas e ensinam o ponto de vista dos não indígenas como o único ponto de vista correto - informações disponíveis em <https://bit.ly/2xTh9Gu>.

Os povos indígenas precisam ser conhecidos, respeitados e compreendidos em sua lógica cultural e educacional, pois precisam dominar as ferramentas do mundo moderno para melhor dialogar e ocupar o espaço que lhe é de direito (COSTA, 1985).

A escola indígena em sua busca pela educação intercultural deve olhar por novos ângulos, já que as

transformações educacionais estão muito rápidas e influenciam profundamente a origem do saber, do conhecimento, os modos de vida e o próprio jeito de ser que são mais sólidos e estáticos (COSTA, 1985).

Hoje é preciso encontrar um meio que contemple as diferenças, desmistificando o discurso da igualdade formal, referindo-se ao tratamento equânime conferido pela Constituição Federal aos indivíduos.

A escola deve ser um espaço para reflexão e discussão da desigualdade e a possibilidade de se criar novos discursos para as relações étnico-raciais (COSTA, 1985).

Ao longo do tempo estabeleceu-se uma base legal para a educação escolar indígena por meio das legislações dispostas no quadro a seguir.

Lei	Ano	Disposição
Constituição federal	1988	Art. 210 – Assegura-se às comunidades indígenas o respeito aos valores culturais, artísticos, nacionais e regionais. O Ensino Fundamental também lhes é garantido, bem como a utilização de sua língua materna e os meios próprios de aprendizagem. Art. 231 – São reconhecidos aos índios sua organização social, seus costumes, sua língua, suas crenças e tradições e o direito sobre as terras que tradicionalmente ocupam, sendo da competência da União demarcá-las, protegê-las e fazer respeitar todos os seus bens.
Decreto 26	1991	Dispõe sobre a educação indígena no Brasil.
Lei 9.394	1996	Diretrizes e bases da Educação. Art. 78 – O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e à assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas.
Lei 11.645	2008	Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”.
Decreto 6.861	2009	Dispõe sobre a educação escolar indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais e determina outras providências.
Lei 12. 711	2012	Art. 6 – Dispõe sobre ações afirmativas para afrodescendentes e indígenas.
Decreto 7.747	2012	Art. 4, VII, Eixo 7 – Institui a Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial das Terras Indígenas.
Resolução CNB (Câmara de Educação Básica) e CNE (Conselho Nacional de Educação) n. 5	2012	Art. 14 (parágrafos 3º e 6º) – Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação escolar indígena na Educação Básica.
Portaria do MEC n. 389	2013	Cria o Programa Nacional de Bolsa Permanência para estudantes de graduação ingressantes em universidades e institutos federais.
Portaria do Ministério da Educação GM/MEC n. 1.062	2013	Institui o Programa Nacional dos Territórios Etnoeducacionais – PNTEE, que consiste em um conjunto articulado de ações de apoio técnico e financeiro do MEC aos sistemas de ensino, para a organização e o fortalecimento da educação escolar indígena, conforme disposto no Decreto 6.861, de 27 de maio de 2009.

O espaço escolar da comunidade *Haliti Paresi*, na aldeia Rio Verde, apresenta inúmeras circunstâncias e acontecimentos que levam a discussões no que se refere à cidadania, à construção da identidade, e ao respeito à diversidade cultural. Lá existem duas escolas (uma estadual e uma municipal). A Escola Estadual Indígena de educação Básica Malamalali atende aos alunos do Ensino Médio. A Escola Municipal Indígena Zozoiteiro também tem seu prédio na mesma aldeia, ao lado da escola estadual e atende ao Ensino Fundamental do Pré ao 9º ano.



Escolas localizadas na Aldeia Rio Verde.

Mesmo tendo aulas na língua indígena é muito importante aprender o português na escola. Saber falar a língua portuguesa é uma das maneiras que os povos indígenas têm para se comunicar com diferentes pessoas, interpretar e compreender as leis que orientam a vida no país, principalmente aquelas que dizem respeito aos direitos dos índios. Afinal todos os documentos necessários para se viver na sociedade brasileira são escritos em português.

O aprendizado da escrita em português tem, para os povos indígenas, funções muito claras: oferece a chance de defenderem seus direitos e lhes confere acesso ao conhecimento de outras sociedades (informações disponíveis em <https://bit.ly/2xTh9Gu>).

Além disso, o aprendizado da língua portuguesa pode fornecer meios para que os indígenas continuem seus estudos no Ensino Superior nas escolas da cidade. Assim, no futuro, terão profissionais que voltarão para servir à comunidade.



Alunos e professoras em atividade escolar.

### Você é o autor!

Solicite aos alunos a escrita de um texto que mostre a importância da educação para a sociedade indígena e para a sociedade não indígena. Explique por que todos devem ter acesso à educação e de que forma ela pode mudar a vida das pessoas, bem como ajudar cada grupo social a manter suas tradições ao longo do tempo.



### Hora da pipoca

Sugerimos alguns filmes interessantes que podem contribuir para um novo olhar relacionado à temática indígena que traga contribuições à prática escolar docente:

- *Brava gente brasileira* – mostra dois lados: o português colonizador deslumbrado pela visão do novo mundo, e o povo indígena, que não se deu por vencido mesmo depois de ter sua terra invadida e seu povo dizimado;
- *Claude Lévi-Strauss por ele mesmo* – mostra o pesquisador vivendo em meio às sociedades indígenas da América Latina;
- *Terra Vermelha* – mostra a comunidade indígena guarani-kaiowá tentando resgatar suas origens.

## Reflexão final

**S**abemos da importância da escola no processo de formação dos referenciais mínimos que uma criança precisa para o convívio em uma sociedade. Como educadores, ao nos depararmos com a legislação que traz a reflexão sobre a diversidade cultural indígena no contexto escolar de forma mais intensa, ficamos frente a um grande desafio.

Esse desafio nos leva a rever nossos conhecimentos, perceber nossas limitações e buscar novas formas e novas fontes de saber para mostrar na sala de aula argumentos coerentes e adequados que levem nossos alunos a se tornarem cidadãos críticos e não meros refletores do pensamento de outras pessoas.

As novas descobertas e as novas posturas em relação aos povos indígenas podem ajudar a combater o preconceito, os mitos e os estereótipos enraizados por muitos anos e que acabam gerando hostilidade e situações de conflito.

Não é um trabalho simples. Requer tempo e mudança de paradigmas, porém as mudanças somente acontecerão se houver ações diferenciadas hoje.

Nesse sentido, salientamos a necessidade de iniciativas coletivas dentro das instituições buscando um planejamento sistemático e contínuo para a atividade de formação docente sobre a referida temática.

Salientamos também a necessidade de conhecer e interagir mais de perto com as diversas comunidades indígenas existentes em nosso país, trazendo-as para a realidade e a convivência escolar.

As sugestões apresentadas não são as únicas existentes e não serão em muitos momentos suficientes para a realização de todas as mudanças, mas esperamos que de certa forma elas possam ser alternativas para que a historicidade indígena não seja mais trabalhada de forma superficial no contexto escolar, mas que seja percebida como uma cultura que sempre influenciou as tradições do nosso país.

## Momento de agradecer

**A** você, educador, que como nós, vê na educação a possibilidade de mudar a história de uma geração e sente a necessidade de provocar no outro o senso da mudança.

Os nossos agradecimentos aos pesquisadores que se dedicaram ao estudo desse tema e a outros que ainda se dedicam a buscar informações importantes e que contribuem com ações que ajudam a fazer a diferença no contexto escolar.

Aos amigos, também educadores, que conduzem o trabalho na linha de frente todos os dias na sala de aula que forneceram ideias para a composição deste material.

À comunidade indígena *Haliti Paresi*, em especial, por compartilhar sua moradia, sua cultura, sua tradição, experiências e informações, na esperança de presenciarem mudanças na sociedade brasileira da qual fazem parte, acreditando que por meio das escolas isso é possível.

Aos demais envolvidos no processo de produção, desde a produção gráfica, revisão e impressão deste material.

Nossos agradecimentos a todos!

# REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. R. C. de. A atuação dos indígenas na história do Brasil: revisões historiográficas. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2XpU0WE>>. Acesso em: 31 ago. 2017.
- BARROS, J. D' A. Música Indígena Brasileira: Filtragens e Apropriações Históricas. **Projeto História**, São Paulo, p. 153-169, 2006.
- BERGAMASCHI, M. A; GOMES, L. B. A temática indígena na escola: ensaios de educação intercultural. UFRGS, **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, p. 53-69, jan./abr., 2012.
- BONIN, I. T. **E por falar em povos indígenas...** quais narrativas contam em práticas pedagógicas? 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação da UFRGS, 2007.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB. 2017.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso Nacional, 1988.
- BRASIL. **IBGE**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2007 – Relatório Comentários. IBGE, 2007.
- BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <<https://bit.ly/3e6EZPz>>. Acesso em: 17 out. 2017.
- BRASIL. Lei 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências**. Brasília: Diário Oficial da União, 26 jun. 2014.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANDAU, V. M (Org.). **Sociedade, educação e cultura(s)**: questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CANOVA, L. **Doces bárbaros**: imagens dos índios parsi no contexto da conquista portuguesa em Mato Grosso (1719-1757). 2001. Dissertação (Mestrado em História) – UFMT, Cuiabá, 2001.
- COSTA, M. R. B. **Cultura e contato**: um estudo da sociedade parsi no contexto das relações interétnicas, 1985. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1985.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Disponível em:<<https://bit.ly/2y5lbLM>>. Acesso em: 04 de maio 2018.
- GOBBI, I. **A temática indígena e a diversidade cultural nos livros didáticos de História**: uma análise dos livros recomendados pelo Programa Nacional do Livro Didático. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), UFSCar, São Carlos, 2007.
- GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. *In*: GOMES, N. L. (Org.). **Um olhar além das fronteiras**: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 97-109.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tania Pellegrini. 12. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- MACHADO, M. F. R. **Índios de Rondon**: Rondon e as linhas telegráficas na visão dos sobreviventes Waimaré e Kaziniti, grupos Parsi. 1994. Tese (Doutorado em Antropologia) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.
- NEVES, J. G. Currículo intercultural: o processo de aplicação da Lei 11.645/2008 nas escolas públicas da Amazônia. **Revista Partes**, São Paulo, v. 15, p. 15-28, 2013.
- PAES, M. H. R. **Na fronteira**: os atuais dilemas da escola indígena em aldeias Parsi de Tangará da Serra-MT, num olhar dos Estudos Culturais. 2002. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 2002.
- PENHA, M. da. A diversidade étnico-racial na escola e a temática indígena em questão: discutindo políticas públicas para a efetivação da Lei 11.645/2008. *In*: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL EM PERNAMBUCO, 4., 2012, Caruaru. **Anais [...]**. [s.l.: s.n.], 2012.

RAMÍREZ, G. P. I. A invisibilidade dos povos indígenas no Brasil. In: QUADROS, S. C. O. (Org.). **Diversidade étnico-racial**: discutindo conceitos, tecendo reflexões e possibilidades para uma educação inclusiva e cidadã. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2017.

RICARDO, C. A. Jogo duro na Cabeça do Cachorro. In: **Povos indígenas no Brasil 1987/88/89/90**. São Paulo: CEDI, 1991.

ROQUETTE-PINTO, E. **Rondônia**: antropologia – etnografia. Rio de Janeiro: Fiocruz/Academia Brasileira de Letras, 2005.

SILVA, E. **História, povos indígenas e educação**: (re)conhecendo e discutindo a diversidade cultural. In: ENCONTRO PERNAMBUCANO DE ENSINO DE HISTÓRIA. Recife, 2007. 11p.

SOUZA, H. C. de. **Entre a aldeia e a cidade**: educação escolar paresi. 1997. Dissertação (Mestrado), UFMT, 1997.

URT, J. N. **Assuntos inacabados**: relações internacionais e a colonização do povos guarani e kaiowá no Brasil contemporâneo. 2015. Tese (Doutorado). UNB, Brasília, 2015.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

**adorno** 27

objeto que se usa para enfeitar

**aldeia** 29, 30

**aldeias** 16, 17, 26, 29, 30, 32, 34, 35, 38  
povoação habitada por indígenas

**aruak** 21

língua materna do povo *Haliti Paresi*

**awo** 32

ema (animal)

### C

**Cacique** 19

líder geral da aldeia

**cultura** 7, 9, 10, 12, 13, 14, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 32, 34,  
35, 37, 38, 39, 40

corresponde a um conjunto de hábitos, crenças e conhecimentos de um povo

### D

**desigualdade** 10, 39

diferença

**diversidade** 7, 9, 12, 13, 14, 36, 40

destituir o caráter místico ou misterioso de algo

**docente** 7, 10

profissional responsável pela escolarização de outros indivíduos

### E

**empatia** 10

compreender emocionalmente algo ou alguém

**Enoré** 25, 34

considerado o deus da comunidade indígena *Haliti Paresi*

**estereótipo** 9, 10, 36

é o conceito ou imagem preconcebida, padronizada e generalizada estabelecida pelo senso comum, sem conhecimento profundo, sobre algo ou alguém

**étnico-racial** 9

expressão usada para se referir às questões concernentes a raça e etnia

**etnocêntrica** 6

é a tendência a observar o mundo desde a perspectiva particular do povo e cultura a que se pertence

### G

**grafismo** 28

elementos da natureza usados na sua construção dos desenhos nas pinturas corporais indígenas.

### H

**Haliti Paresi** 16, 18, 21, 28, 38, 42

gente; povo

**hati** 25, 35

**casa tradicional do povo *Haliti Paresi***

**hotxikere 21**

alaranjado

**hoze 32**

porco queixada (animal)

**I**

**Iyamakahana 34**

casa da flauta sagrada

**J**

**jenipapo 26**

fruto de onde se extrai a cor preta para  
pintura corporal

**jikyonahati 29, 30**

cabeça-bol - jogo feito entre duas equipes sem limite  
de jogadores onde é permitido tocar a bola  
somente com a cabeça

**K**

**kaholere 21**

roxo

**koho 33**

cesto feito de taquara

**M**

**modalidade EAD 38**

Educação a Distância; é uma forma de ensino/  
aprendizagem mediados por tecnologias que  
permitem que o professor e o aluno estejam em  
ambientes físicos diferentes.

**P**

**pajé 19, 25, 36**

líder espiritual da aldeia

**paradigma 8, 9, 41**

é a representação de um padrão a ser seguido

**R**

**respeito 7, 9, 10, 23, 34, 39, 40**

um sentimento positivo por uma pessoa ou  
para uma entidade

**S**

**solidariedade 10**

é um ato de bondade e compreensão com o próximo

**T**

**tihyolere 21**

cor verde

**timbó 33**

espécie de erva usada para a pesca

**txidibya 27**

saia usada como parte do traje tradicional feminino do  
povo *Haliti Paresi*

**U**

**urucum 26**

fruto de onde se extrai a cor preta  
para pintura corporal

**W**

**waware 21**

cor rosa

---

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada por Hermenérico Siqueira de Moraes Netto CRB 7370

---

Fiuza, Vivian Cristina Balan  
Os povos indígenas no contexto escolar / Vivian Cristina Balan Fiuza; Germana Ponce de Leon Ramirez. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2019.

48ff.

ISBN 978-85-8463-160-5 (e-book)

1. Brasil – Índios. 2. Educação Indígena. I Título. II. Ramirez, Germana Ponce de Leon.

CDD-370.113

---

DOI: <https://doi.org/10.19141/978-85-8463-160-5>

OP 00146\_2020

Editora associada:





Centro Universitário Adventista de São Paulo

## Mestrado Profissional em Educação